REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA ○ ○ ○

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI — II SERIE — 5 DE FEVEREIRO 1922 — N.º 116

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28* — TELEFONE 2337 CENTRAL

A representação de Portugal na exposição do Rio de Janeiro

Está oficialmente anunciada a grande exposição internacional do Rio de Janeiro, que se deverá realizar em Setembro do corrente ano, por ocasião das festas do centenario da independencia do Brazil.

Portugal foi convidado a fazer-se representar n'essa exposição; tendo, para esse efeito, sido nomeado já um comissario e o pessoal necessario que, segundo consta, trabalha afanosamente para bem se desempenhar d'essa altissima missão.

Sem duvida que as importantes forças productoras de Portugal, assim como as pequenas industrias que muito podem vir a lucrar com a expansão do seu conhecimento, terão uma natural representação n'esse certamen.

Assim — o comercio, a industria, a agricultura, as artes e as sciencias, vão vêr os seus productos examinados e apreciados não só pelos brazileiros, como tambem pelos extrangeiros que, sem duvida, em avultado numero, acorrerão a essa grande cidade de vida, de prazer, de luxo e de conforto que é hoje o Rio de Janeiro, onde se está manifestando uma especial tendencia para essa bela cidade se tornar o Paris americano.

Não sabemos qual é o criterio do organisador da nossa representação. Sem duvida, ele obedecerá ao principal intuito de fazer com que todas as manifestações das nossas forças vivas sejam o melhor possivel representadas, para que facil lhes seja encontrarem, dentro em pouco, novos mercados.

Nada temos a opor a esse intento se, realmente, ele fôr o do organisador da nossa representação.

Apenas nos permitimos lembrar que nos parece propicia a ocasião para iniciarmos nos paizes alem Atlantico a obra colossal de propaganda que se torna absolutamente inadiavel para o desenvolvimento da industria que maiores beneficios pode trazer ao nosso paiz: ***O Turismo.***

Em nosso entender, nenhum outro ensejo oferece tantas e tão boas condições como as que se vão reunir n'esse certamen, já pelo avultado numero de brazileiros e de americanos do Norte e do Sul que convergirão ao Rio de Janeiro, como — e muito especialmente — porque, em nenhum outro paiz do mundo, essa propaganda poderá resultar para Portugal tão benéficos efeitos.

Como se sabe, uma boa parte da po-

pulação fluctuante que circula no centro da Europa é constituida por americanos, fazendo se representar os do Sul por uma apreciavel percentagem. Ora, estes, ao tomar o caminho para a Europa, partem geralmente dos portos brazileiros que estão em ligação directa com o de Lisboa por meio de carreiras maritimas regulares e em numero consideravel.

Sucede, porém, que uma quantidade bastante d'esses viajantes, na sua maioria em direção ao centro da Europa—ou não desembarcam em Lisboa,—ou quando o fazem, é para, logo em seguida, tomarem os comboios que os conduzam ao seu destino.

D'esta forma, quando muito, ganhamos apenas com a sua travessia, o que é pouco — muito pouco mesmo.

Isto dá-se porem, simplesmente pelo facto da falta de conhecimento, nos paizes da America do Sul, das condições que nós temos para que esses viajantes aqui fiquem, gozando a sua vilegiatura, fazendo as suas curas ou repousando das suas fadigas.

Ora, essa deficiencia deve acabar, e só pode ter fim por meio d'uma propaganda criteriosa, intensa e continua.

Alguem alvitrou já fazer-se n'essa exposição um grande reclame ás thermas e praias portuguezas; havendo até já a oferta do Sr. Dr. Luzes d'Oliveira para se encarregar d'esse trabalho.

E' alguma cousa; mas é pouco.

Não basta fazer uma monografia mais ou menos ilustrada e distribuil-a profusamente. E' necessario ir mais alem: á descripção das nossas belezas, á divulgação dos encantos da nossa vida, á expansão das nossas excepcionaes condições naturaes. E' preciso dizer bem alto que em nenhuma outra parte do mundo se pode estar como em Portugal.

Isso só se consegue com uma intensa propaganda feita atravez de jornaes, publicações diversas, animatografos e de tantas outras coisas em que a inventiva humana é fertil.

— Que pensará a este respeito o Comissario do Governo?

Aguardemos os seus actos para os apreciarmos.

JOSÉ LISBOA

EXCURSÃO AO ALGARVE

IMPRESSÕES DE VIAGEM

DE REGRESSO

HA um ano que fizemos a excursão ao Algarve, e egual tempo tem durado esta descripção, que poderia muito bem traduzir as impressões d'uma viagem á volta do Mundo. Porém, o nosso feitio em que predomina uma original prolixidade, levou-nos a, talvez, abusarmos da paciencia dos nossos leitores pelo desejo de lhes transmitirmos bem o que sentimos. Crêmos, todavia, que não foi de mais e que eles ainda nos ficarão agradecidos por os termos elucidado com uma tão grande soma das variadas impressões que colhemos durante essa bela digressão.

Vamos, pois, alinhar os ultimos apontamentos que marcámos em o nosso *memorial;* e que se referem ao regresso; terminando assim este arrazoado que foi mais longo e... menos suculento do que o celebre *Rocambole,* de *saudosa* memoria.

Como o mau tempo não permitia a realisação completa do programa que havia-

mos traçado, desistimos de ir a Lagos, a Sagres e a Monchique; reservando-nos para, em ocasião mais oportuna e com melhor tempo, efectivarmos esse complemento da nossa viagem.

Determinado o regresso, resolvemos voltar a Portimão e percorrer a Vila, aproveitando assim o intervalo que tinhamos até á hora da partida do comboio para Lisboa.

Tomámos, então, uma carrinha, seguindo pela unica estrada que liga aquela Vila á Praia da Rocha e por onde haviamos passado na noite de temporal em que nos dirigimos para essa Praia. Pudemos, n'essa ocasião, gozar o pitoresco da mesma estrada e os seus aspectos; apreciando, tambem, os perigos a que nos expuzémos com a realisação da nossa aventura. Porque a nossa ida para a Praia da Rocha, na noite tão tenebrosa em que se realizou, foi bem uma aventura, não tão perigosa e ousada como a... do descobrimento do caminho maritimo para a India, mas merecedora d'um qualquer galardão.

...Por muito menos tem sido muita gente condecorada.

Não devemos todavia, fantasia de mais sobre o caso, para que não haja alguem que, ficando mal impressionado com esta nossa clara descripção, desista de ir aquela linda Praia. Assim por um dever de consciencia e por uma indeclinavel obrigação, devemos verdadeiramente dizer que a estrada não é má. Se alguns perigos oferece, eles só podem manifestar-se especialmente, nas condições em que nós por ela seguimos, devido ao violento temporal que então fazia.

Era domingo e, por isso, a Vila de Portimão apresentava um aspecto pouco interessante; para o que tambem contribuia a chuva impertinente que não se cançou de nos perseguir. Portanto pouco apreciámos da nossa visita. Reservámos porém o nosso desejo para quando voltarmos a completar o nosso programa de viagem, pois que a vila pela sua importancia nos pareceu digna d'uma mais demorada atenção.

Entretivemo-nos até ao jantar, que se realizou n'um dos modestos hoteis ali existentes, findo o qual tomámos de novo a carrinha que nos conduziu á gare, onde, por fim, embarcámos para Lisboa; viagem que se fez sem interesse algum, apenas relembrando os episodios d'essa excursão, os quaes fizemos por concretisar de forma a constituirem elementos para esta longuissima descripção.

Resumindo:

Um passeio pela provincia Algarvia percorrendo-a interessadamente de Lagos a Vila Real, constitue uma das mais agradaveis excursões que um bom turista pode fazer; porque além da sua vida especial, dos seus originaes usos e costumes, da sua flora, mesmo muito propria, ha as paysagens, a configuração corografica absolutamente diferente da de todas as outras provincias portuguezas, de resto cada uma primando pelas suas condições especiaes, quer physicas quer vitaes.

Em ultima analyse diremos que o Algarve, pelo seu conjuncto de predicados, devia ser o que, infelizmente. ainda não é. E quando um dia os algarvios comprehenderem toda a grande riqueza da sua provincia — que é enorme e está ainda por explorar — então os beneficios espargir-se-hão quasi automaticamente, não só em pról d'essa região, mas inclusivamente, embora por forma menos directa, na economia do Paiz.

Foi esta a impressão com que desembarcámos no Terreiro do Paço de volta d'essa jornada que, apezar de tudo, nos deixou boas recordações.

A. L.

PADUA FRANCO

Vindo de Paris, acha-se em Lisboa, com sua esposa, o sr. Jayme de Padua Franco, um dos mais prestantes e valiosos propagandistas de Portugal no extrangeiro e Director Geral da propaganda exterior da Sociedade Propaganda de Portugal.

Com as nossas saudações de boas-vindas, apresentamos-lhe os nossos respeitosos cumprimentos.

Uma festa regional na Madeira

A PASSAGEM DO ANO

EM o passado numero desta Revista permitimo-nos a liberdade de transcrever do nosso brilhante colega *Comercio da Modeira*, a titulo de interessante propaganda, um sentimental artigo em que o seu colaborador, sr. Loff de Vasconcelos, transmitia as impressões que lhe sugeriu a festa tradicional, realisada no Funchal por motivo do ultimo dia do ano.

Completando essa descripção, damos a seguir, transcripto do mesmo periodico (o que sem duvida nos será revelado por conhecer o nosso intuito), a noticia que por certo despertará o maior interesse, do que foi a passagem de 1921 para 1922, naquela cidade, e que constituiu uma atrahente consagração d'essa verdadeiramente original festa Madeirense.

Assim é feita a descripção:

«Mais uma vez se festejou na Madeira o advento do ano novo, com encanto e *feerie* que em todo o mundo não tem rival. As condições topograficas da nossa cidade e o caracteristico d'essa festa, tornam-na um espectaculo unico, que todos os anos maravilha quem pela primeira vez a presenceia.

Festa tradicional, por excelencia muito nossa, muito madeirense, podia conjuntamente com outras constituir, de futuro, uma grande festa da cidade que bem propagada lá fóra, nos traria, n'esta epoca, muitos forasteiros e, consequentemente, um grande desenvolvimento economico. Com mais vagar nos referiremos a este assunto, tanto mais que ele está dentro dos principios do regionalismo que aqui largamente temos tratado.

Hoje, o pouco espaço de que dispomos, dedicamol-o á festa que nessa mesma noite se realisou no luxuoso *Reid's Palace Hotel* e que em todos quantos a ela assistiram deixou indeleveis recordações. A estrangeiros viajados, recentemente chegados de Paris e Londres, ouvimos nós dedicar-lhe as melhores referencias.

Conforme o programa, a festa teve o seu começo no jantar, achando-se a ampla sala decorada com requintes de bom gosto: os candieiros lateraes, disfarçados com balões á veneziana; o tecto iluminado a lampadas electricas de côres, n'uma disposição de raro bom gosto e em suaves cambiantes de luz; as mezas floridas com originalidade; emfim -- tudo n'um conjuncto encantador.

Durante esse jantar de festa, esquecemos completamente a terra onde estavamos para, como n'um delicioso sonho, nos transportarmos para os grandes salões das maiores capitais do mundo.

O cerimonial costumado dos jantares e'egantes do *Reid's Palace Hotel* foi substituido por uma alegria sugestiva, em que as rolhas do *champagne* saltavam; as valsas e os *fox-trots* se sucediam com *entrain* a cada prato servido, n'uma despreocupação de encanto,n'um deslumbramento pelas riquissimas *toillettes* das senhoras, n'um goso quasi infantil com os brinquedos que os creados, num serviço irrepreensivel, constantemente forneciam.

Terminado esse jantar, que todos recordam saudosamente, desceu toda a elegante assistencia ao campo de Tennis, especialmente preparado para dança e envolto por uma iluminação á veneziana de belo efeito.

A meio da animação, eram fornecidos á assistencia *conffeti* e serpentinas em grande profusão, o que transformou o parque n'um verdadeiro carnaval de Nice. E as horas corriam velozes,n'um enlevo permanente, que o apito de Mr. Randolf não deixava esfriar, comandando os seus criados como uma grande força disciplinarmente militarisada para que nada faltasse aos convidados.

Descrever essa festa com detalhes, levaria colunas sobre colunas. Entrecortadas pelos *hurras* dos inglezes, as gargalhadas argentinas das senhoras, conjugavam-se estridentemente com as harmonias do quinteto, com o feerico aparato do admiravel *ensemble*.

Ha festas, como esta, que só vistas se podem avaliar. A pena não chegaria nunca a faze-la sentir como a sentiu a seleta e feliz assistencia.

A' meia noite todos os assistentes subiram para a varanda do hotel, queimando-se então o magnifico fogo de artificio dos pirotecnicos de Viana do Castelo, snr. Manuel da Silva & C.ª, que ultrapassou toda a nossa especiativa, sendo notavel o fogo aquatico, que toda a colonia ingleza festejou.

Após o fogo foi servido no salão do jantar uma delicada ceia, onde a mesma enthusiastica animação continuou, crescente, ininterrupta, dançando-se com verdadeiro ardôr até ás 6 horas da madrugada.

E só então começou a retirada dos assistentes, a pouco e pouco, como se fossem acordando d'um profundo sono cheio de sonhos deliciosos, cujo enebriamento os acompanhava até casa.»

CARTAS DE PARIS

A grande crise do Turismo em França — Hoteis e comboios vazios — Os hoteleiros não querem baixar os preços — Nice e Monte Carlo abandonados — O augmento do preço dos electricos — Sempre a greve do publico

O Turismo em França está atravessando uma grande crise. Os hoteis estão vazios; os comboios rolam sem passageiros; a imensa classe da criadagem lamenta-se da greve do turismo. Não é, porem, dificil advinhar a causa. O preço inesperado que os hoteis levam pelas suas hospedagens e o terem acabado os negocios chorudos da guerra, que crearam uma nova classe gastadora — a quem se deve a alta de preços que hoje se suporta com grande sacrificio—são os motivos d'essa crise.

Tudo, n'este mundo, depende do habito em que a gente se põe. Toda a gente se habituou a pagar cáro, e a ver subir os preços, suportando-os sem confrangimentos. O hoteleiro, como nenhum outro industrial, soube aproveitar-se da situação. A pretexto de tudo encarecia o preço da hospedagem; os suplementos *multiplicavam-se* a proposito de qualquer coisa; e no final a conta tomava proporções estonteadoras.

O freguez pagava. Vamos a novos augmentos. Era preciso viajar, os hospedes cresciam em numero e em qualidade. Depois, os hoteleiros tornaram-se importantes. Não ha quarto para quem não avisa com tempo.—Meus senhores, é assim. O sr. queria dormir, avisasse. O telegrapho não se fez para outra coisa.

Mas tudo n'este mundo tem um fim. E a hora final da ganancia deu a ultima badalada. Os hoteis estão vazios. Mas nada de baixar preços; o freguez que o pague. O peior é que eles são cada vez menos numerosos. Despedem-se criados, fazem-se economias. Mas o freguez tem que pagar.

Ha dias fui a um dos mais concurridos hoteis onde se podem alojar 300 hospedes, e o gerente disse-me que tinha só quarenta quartos ocupados, e a casa estava a perder mil francos por dia. Respondi-lhe que baixasse os preços e fizesse disso um grande reclame.

— Não, o freguez tem que voltar. Depois acostumava-se e não queria tornar a pagar mais caro.

Não sei até que ponto irá esta logica.

Toda a gente sabe que Nice, Monte-Carlo, Cannes, Saint Raphael, n'estes mezes frios de inverno, fazem a sua grande estação, pela doçura do seu clima, pelo seu sol e pelo seu mar sempre azul.

Em Nice estiveram em Janeiro de 1920, sessenta mil forasteiros. Este ano não tem lá a terça parte! Ha hoteis que já pensaram em fechar as portas. Em Monte-Carlo e Cannes acontece o mesmo.

A razão é esta: é que, a vida em França, na epocha de maior carestia, tendo subido 150 por cento, em Nice no mez de Janeiro de 1920, ninguem fez as suas despezas com menos de 300 a 400 por cento a mais do que em 1914.

Os hoteis fizeram as explorações mais

ignobeis. Por exemplo: o hospede pedia uma folha de papel, dava-se-lhe um caderno e punha-se-lhe na conta mais um franco.

E por ahi fóra. Queria gosar, pagasse. Ninguem o chamava cá.

Em 1921, alguns hospedes voltaram supondo que a vaga de baixa tinha lá chegado; mas—qual historia, veio encontrar tudo mais caro!

Este ano resolveram simplesmente não pôr lá os pés.

E assim a *Côte d'Azur* está abandonada.

Onde irá isto parar? Os hoteleiros esperam que este facto seja apenas um amuo da parte do turista. Para o ano voltará. Eu tenho porem boa razão para supor que não será assim.

Não se pode passar sem comer, não se pode andar descalço, mas pode muito bem deixar-se de ir a Nice ou a Monte-Carlo.

Ha dias o *Temps*, n'um artigo vibrante, atírou-se á classe hoteleira, como a causadora da paralisação do comercio, e dos comboios andarem vazios.

Veio logo a Federação dos Hoteis a protestar, que isto e aquilo, que os preços não eram caros, alguns hoteis tinham os mesmos preços do ano passado. Mas o que ela não disse é que já então eram caros, carissimos, e que ao hospede que em 1914 pagava por uma razoavel pensão 10 francos por dia, lhe são agora exigidos 40!

O publico parisiense acaba, porem, de demonstrar que não está disposto a tolerar mais augmentos.

Desde ha tempos que a Companhia dos carros electricos e dos autobus, se lamentava da sua pouca receita e pediu um augmento de tarifas ao Conselho Municipal. Depois de muitos estudos, chegou-se á conclusão de que o augmento devia incidir na primeira classe, e apenas de cinco centimos na segunda zona o augmento a fazer na segunda classe.

Ninguem protestou. Os jornaes limitaram-se a dar a noticia, sem mais comentarios.

O publico é que não esteve pelos ajustes. Resolveu não pagar, e sem comicios, e sem assembleia de sessão permanente, deliberou passar a utilisar o Metropolitano.

Até aqui a 2.ª classe dos tramways ou autobus era de 35 centimos para as duas ou tres zonas. Agora passou para 40 nas duas zonas e 50 nas três. O metropolitano, seja qual for a distancia, é e continua a ser de 30 centimos.

Resultado: este anda a trasbordar, emquanto que aqueles andam ás moscas.

De resto já o ano passado tivemos aqui a experiencia de quanto pode a resistencia passiva d'este povo. Os taxis augmentaram ha tempos as suas tarifas, o publico fugiu-lhes.

O secretario geral d'uma companhia exploradora d'este meio de transporte, declarou então a um jornalista, que a greve do publico duraria pouco. Mas enganou-se; porque um ano é passado, e os taxis nunca mais tiveram a frequencia de outrora; nem coisa parecida.

Não suponham porem os leitores da «Revista de Turismo», que mesmo assim os preços dos taxis são elevados. Um franco cada kilometro, sem obrigação de pagamento de retorno.

Façam esta tarifa ao cambio que queiram, e digam-me se em Lisboa, ha coisa parecida.

GUERRA MAIO

REGISTO

O nosso colega «Jornal d'Extremoz», transcreveu, no seu numero de 4 do corrente, a chronica do extrangeiro que publicámos em o ultimo numero da nossa Revista.

Agradecemos a deferencia.

Do Comissariado Geral dos Serviços d'Emigração recebemos o n.º 5 do seu boletim, referido aos mezes d'Outubro a Dezembro de 1921; remessa que agradecemos.

RECORDANDO . . .

ão ha quem não professe o culto do passado.
Saudades do que foi e não torna a voltar;
Das horas que passaram a rir ou a chorar,
D'um minuto de luz, d'um minuto apagado.

O que passou p'ra sempre, é doce ao ser lembrado;
E uma lagrima mesmo, ao querer-se recordar,
Perdeu em amargura, o que, do tempo o andar,
Converteu em saudade d'esse tempo afastado.

Mas ha dias tão puros, de tanta claridade,
Tão cheios de beleza, encanto e poesia,
Que recorda-los é, p'ra pobre humanidade,

Como um facho de luz que uma vida alumia:
—E' quando o Creador, com súbida bondade,
Abençôa um amor que cresceu dia a dia !

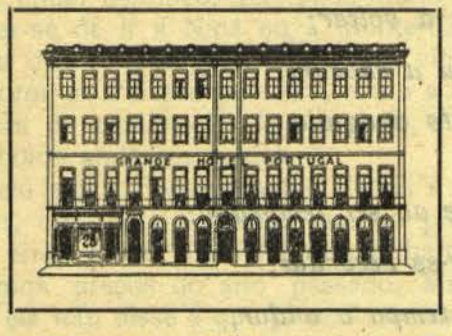
OLAIA.

HOTELARIA PORTUGUEZA

O GRANDE HOTEL PORTUGAL

A par do desaparecimento d'alguns estabelecimentos da hotelaria citadina, surge, como por encanto, um novo estabelecimento de hospedagem: o Grande Hotel Portugal.

Situado n'uma das principaes arterias da Baixa, a Rua do Amparo, esse grandioso Hotel, de systema americano, offerece a novidade de ser modelado nos novos processos que a hotelaria moderna acaba de criar para conceder aos hospedos todas as facilidades. Assim, esse facto veiu produzir



um certo espanto, pois cada inovação que se introduz em o nosso anachronico modo de vida é sempre recebida com uma admiração em que se reflecte o receio pelos seus resultados.

Ha, porém, felizmente, espiritos que, pelo largo alcance da sua previsão, não se atemorisam com pouco realisaveis probabilidades, confiando na sciencia e esforço proprios para fazerem vingar a sua idéa.

E' precisamente o caso da fundação do hotel a que nos referimos e que, no que respeita ao regimen interno, sae fóra das normas habituaes. Isso se deve á iniciativa do sr. Lino Martins Coelho, espirito culto e homem do «metier» que é a alma da Sociedade Lusitana de Hoteis L.da proprietaria d'esse estabelecimento, assim como do Hotel Internacional, que é já hoje um dos melhores em Lisboa.

O Grande Hotel de Portugal é um hotel absolutamente moderno. Os quartos com uma apreciavel cubagem e de grande pé direito, estão mobilados com um luxo invulgar em estabelecimentos do genero. Em todos eles brilham cristaes, abundam tapetes caros, moveis feitos com arte e artisticamente dispostos. Casas de banho de rigoroso aceio, obedecendo, na sua construção, aos preceitos mais modernos da hygiene; W. C. egualmente instalados sob os mais recentes processos sanitarios; corredores amplos e arejados, dando facil e comodo acesso a todos os aposentos; salas de visita e de leitura guarnecidas de custosa e artista mobilia; tudo emfim, forma o conjuncto agradavel e atrahente d'esse importante estabelecimento que, embora aberto ao publico ha bem poucos dias, conta já uma escolhida clientela.

A inovação introduzida no regime d'este hotel consiste em que o hospede não é obrigado a pensão. Aluga simplesmente aposento, se isso lhe convem. Pode ir muito bem tomar as suas refeições onde melhor lhe conviér. O Grande Hotel Portugal faz serviço de restaurante, mas não impõe aos seus hospedes a tirania da «diaria» para se utilizarem d'ele.

Se, porém, o hospede quere utilizar-se do serviço de restaurante o Hotel Portugal facilita-lhe esse desejo.

O caso é que o hospede n'aquele hotel, pode utilizar-se independentemente de todos os seus serviços; o que é uma vantagem de incontestavel valor, muito apreciada especialmente por extrangeiros.

E', pois, com regosijo que registamos esta noticia, por vermos que ha, felizmente, ainda em Portugal, espiritos de iniciativa, como o do sr. Lino Martins Coelho e do nosso velho amigo Alexandre de Almeida, de quem a industria da hotelaria portugueza muito tem a esperar.

BENEFICIOS E PREJUIZOS

RELAÇÕES INTERNACIONAES
— DIREITOS DE PORTAGEM
— MUDANÇA DA HORA

CIRCULA diariamente, a partir de 15 do corrente, o «Sud-Express» Lisboa Paris e vice versa.

Está d'esta forma realisada uma das grandes aspirações da nossa Revista, que pode assim vangloriar-se do bom exito da sua persistencia.

A circulação diaria do «Sud-Express», alem de proporcionar ao comercio o altissimo serviço de comunicações faceis e rapidas, tem sobretudo e muito principalmente para o nosso paiz a inegualavel vantagem de sêr o élo das ligações terrestres e maritimas trazendo, assim, facilmente a Lisboa os passageiros que das nações da Europa se dirijam á Africa ou á America do Sul, e vice-versa.

Na intensidade de vida que hoje se manifesta por toda a parte, os faceis meios de transportes, sejam eles quaes forem, assim como a rapidez das comunicações, teem o mais importante papel, não só para os paizes exportadores, como, inclusivamente, para os importadores, pois, apezar de passado já o periodo calamitoso da crise mundial provocado pela grande guerra, ainda hoje, no comercio, a oportunidade é tudo. E o seu bom aproveitamento só pode fazer-se com comunicações faceis e rapidas.

Por isso estava naturalmente indicado que o serviço rapído Lisboa-Paris e vice-versa se tornasse diario; nem d'outra forma se podia comprehender a função do porto de Lisboa, excepcionalissimo pela sua posição no globo.

Infelizmente não o teem entendido assim os mandantes da nossa terra, que, não obstante nada terem feito para lhe facilitar essa função, cada dia mais a complicam e tornam dificil.

Cabe aqui esclarecer que a circulação diaria do «Sud-Express» não é obra do governo, mas apenas o producto de combinações entre as companhias interessadas, por ininterruptas instancias das emprezas ferroviarias portuguezas.

Ora, essas emprezas, prestando-se expontanea e conscienciosamente ao sacrificio que lhes acarreta essa rapida e diaria ligação internacional, fazem-n'o tão sómente em beneficio do paiz; pois dadas as grandes despezas em que importa a circulação diaria d'esse comboio, dificil é terem, para contrabalança-las, uma receita apreciavel, que só reverterá d'uma grande afluencia de passageiros.

E' certo que, em virtude das nossas condições politicas, muitos extrangeiros fogem de aqui vir, preferindo sugeitarem-se a uma maior demora e aos incomodos d'uma viagem maritima, a serem surprehendidos por um qualquer extranho incidente politico, na sua passagem por Lisboa.

Não é menos verdade de que, infelizmente, o nosso paiz, por ausencia quasi absoluta d'uma boa orientação e pela deficiencia de propaganda, não atrahe ainda os extrangeiros de forma a completar a lotação diaria do Sud-Express.

Portanto, só a facilidade de comunicações da via terrestre com a via maritima pode motivar a afluencia de passageiros ao referido comboio.

Ora essa afluencia é que é mais do que duvidosa, em virtude da ***excelente*** obra dos nossos governantes que, em se metendo a agir, não fazem senão asneiras.

Senão vejamos;

— O que é o pagamento em oiro da totalidade dos direitos de portagem?

— O que é essa constante mudança da hora, já propriamente cognominada de «Bailado das horas»?

Ora, é preciso haver uma completa ausencia de senso comum, de previsão, de sentimento das proporções para se fazerem e manterem dislastes do jaez d'aqueles que acima apontamos.

De facto — o que é o pagamento em oiro dos direitos de portagem?

— E' muito simplesmente a negação das facilidades de acesso ao porto de Lisboa. Com isso vamos oferecer, expontaneamente, aos portos hespanhoes de Vigo e Cadiz, o trafego, que eles estavam empregando os mais denodados esforços para nos roubar.

— O que é a constante mudança da hora oficial?

— E' uma pura manifestação de parvoice, pois nada, absolutamente coisa alguma, indica a manutenção d'essa medida, que se justificou relativamente em o nosso Paiz durante a guerra, mas que, agora, não tem justificação possivel. Antes pelo contrario. As complicações que ela traz, principalmente nas relações internacionaes, são de tal ordem que a sua abolição se impõe rapida e absoluta.

Ora, a mudança da hora mantem-se apenas por duas razões: por espirito d'imitação, e por negligencia. Por espirito d'imitação, porque a Inglaterra e a França, por razões com que nada temos, ainda a manteem; se bem que seja duvidoso que este ultimo paiz a adopte ainda este ano. Por negligencia porque o facto é uma imediata resultante da imitação.

Portanto, tudo quanto não presta deita-se fóra.

E' esse caminho que estão pedindo os nossos governantes, para não estragarem mais aquilo de que andamos aqui a apregoar as excelencias, para vêr se conseguimos salvar o que resta.

...Mas cremos que a nossa propaganda dá resultados contraproducentes...

Para se corresponder aos beneficios da circulação diaria do «Sud-Express» é indispensavel que seja abolido o pagamento em oiro dos direitos de portagem e se acabe de vez com o *bailado das horas*. De resto, essas duas complicações a ajuntar ás outras que, infelizmente, não são tão faceis de solução, conduzir-nos-hão, a manterem-se, ao caminho do isolamento, do desprezo, da completa falencia.

Ora não é para isso que andamos aqui ha seis anos a apregoar o turismo em Portugal.

VERSOS DE «OLAIA»

A nossa pagina literaria apresenta hoje um soneto que é a inspiração sublime d'uma alma delicada e mimosa.

Representam esses deliciosos versos a joia oferecida pela sua auctora a seu marido, distantes, um do outro, no dia em que se passou o seu aniversario conjugal.

As palavras que compõem essas filigranadas estrofes synthetisam bem o finissimo espirito, a maciesa aveludada d'essa compleição d'artista que é a sua auctora, submissa ao seu pseudonimo de *Olaia*, que para ela reflecte e interpreta, com a maior felicidade, a quadra aurea d'uma doce vida conjugal.

Obscura no seu anonymato, *Olaia* a simples titulo d'uma muito especial deferencia, consentiu na publicação d'esse encantador e enternecido soneto, para nos satisfazer o desejo de aos nossos leitores proporcionarmos uma pagina de literatura feminina, no geral tão humilde na sua incomparavel sentimentalidade.

Os versos de *Olaia* são d'isso uma prova exhuberante.

Beijando respeitosamente a mão da delicada poetisa, endereçamos-lhe o nosso perduravel agradecimento e os nossos mais rendidos cumprimentos.

MARAVILHAS DE PORTUGAL

A GRANDE PROPAGANDA DAS NOSSAS BELEZAS PELA CINEMATOGRAFIA

A Empreza Caldevila Film, do Porto, cujo fim especial é a propaganda do nosso Paiz, no extrangeiro, por meio de *films* cinematograficos, celebrou o inicio da pratica dos seus trabalhos com uma interessante sessão particular, realisada ha dias no amplo salão Jardim da Trindade, d'aquela cidade.

Nessa scssão foram passadas algumas das mais interessantes peliculas que a Caldevilla Film já tem prontas e que sob o sugestivo e patriotico titulo ***«A Patria Portugueza»***, aquela empreza conseguiu agrupar em secções por uma forma criteriosa e pratica para o fim visado.

Essas secções denominam-se:

I — Os mares, as aguas e os lugares.

II — As grandes industrias portuguezas.

III — Maravilhas de Portugal.

Na primeira secção enquadram-se todas as paisagens, verdadeiramente ideaes do nosso paiz, e as estancias de cura e de repouso que n'ele se encontram com invejavel abundancia.

Entre elas figuram, já preparadas para exhibição, as de Cintra e seus arredores; do Luzo, Melgaço, Vidago, Pedras Salgadas, Caldas de Canavezes, Entre os Rios e do Marão, artisticamente impressionadas nos mais interessantes aspectos panoramicos.

Quem conhece esses lindissimos recantos de Portugal, cheios de inegualavel luz, d'uma muito original vegetação, d'um colorido atrahente, avalia quanto interesse deve despertar a exhibição d'essa obra prima da cinematografia portugueza.

As manifestações da nossa actividade, traduzidas na sua curiosa industria, concretisam-se na segunda secção do programa da «Caldevilla», sob a rubrica ***Industrias Portuguezas***. E' uma serie de não menos atrahentes peliculas mostrando como os portuguezes trabalham em' filiranas, em barro, em tapetes, em verga e nas mil e uma pequenas industrias locaes que se acham n'uma fertilissima quantidade dispersas pelas encantadoras provincias de Portugal.

A terceira secção foi destinada a fixar as nossas regiões que oferecem uma incompatavel magestosidade pelas suas asperezas, em admiravel e flagrante contraste com o pitoresco inedito da maioria dos aspectos nacionais. Os *films* agrupados n'esta secção representam as montanhas que, em Portugal, teem o admiravel condão de se impor por uma forma arrebatadora.

Ha uma expressão feliz que caracterisa com propriedade os diferentes aspectos portuguezes: *atravessa-se um vale sorrindo, sobe-se uma montanha rezando.*

E' bem esta uma prova da nossa idiosyncrasia e da especial estructura corografica do nosso Paiz.

Não podia, por isso, ser essa secção melhor classificada do que com o titulo que lhe deu a Caldevilla Film: ***Maravilhas de Portugal***, em que a pelicula sobre a Serra da Estrela constitue um especial motivo de atracção. E tão grandes foram as belezas ali encontradas pelos operadores que a percorreram em todo o sentido e a pesquizaram de todas as formas, que a sua descripção cinematografica é feita em duas enormes peliculas — o que tem a preciosa conveniencia de, não cansando o espectador, o induzir a assistir á exhibição do segundo volume— digamos assim para melhor exprimirmos a beleza do trabalho.

Eis, pois, uma propaganda documentada, a melhor e mais benefica que poderia desejar-se para o nosso Paiz, que a benemerita e patriotica Empreza Caldevilla

Film acaba de iniciar, e que certamente fará espalhar por todo o mundo.

As peliculas que foram exhibidas n'essa sessão estão belamente impressas, com uma nitidez e relevo inexcediveis, mostrando bem quanta perfeição e escrupuloso cuidado houve na sua confecção.

E' digna dos maiores elogios e do maximo louvor a iniciativa d'aquela empreza, e aqui lhe consignamos as nossas sinceras felicitações, não só pelo prestimoso e utilissimo serviço que acaba de prestar á nossa Patria, como pela interessante idéa, que lhe proporcionará certamente uma justa compensão moral e material aos grandes esforços que a sua pratica demandou.

A VILA D'OUREM

Resumo tirado da Galeria Pitoresca

POR *JOSÉ FLORES*

(Continuação)

Ao lado direito está uma lapide comemorativa do facto perante as Cortes de El-Rei D. João IV tomar, por padroeira do reino, a N. S. da Conceição. Tem esta inscripção:

Æternit, sacr. Immaculatissimæ
Conceptionı Mariœ,
Jon. IV. Portugal Rex, una cun general
comitiis se, et regna sua sub annus censo
tributaria publice vovit
At que Deiparam in imperii tutelarem electam
a labe originati prœsevatum perpetuo
Defensurom juramento firmavit: viveret ut
pietas lusitan, hoc.
vivo lapide ammoriale perenne exarari jusit:
ann. Christi M. D. C. X. L. VI
imperii sui VI

Abaixo existia uma outra porta defendida por um revelim.

Ligada ao arco está a Capelinha de N. Senhora da Conceição, que antes fôra da Santissima Trindade, instituida em 1642 pelo conego Antonio Henriques. Tinha casa de residencia para o Capelão, da qual ainda existem ruinas proximo ao seminario de Leiria.

— Ao castelo!

Subindo depois a velha calçada paremos em frente do arruinado *Solar dos Condes de Ourem*. Diz-se que esta famosa torre não fazia parte das primitivas da fortaleza e que foi construida pelo dito Conde e Marquez de Valença. Se o leitor, porem, me pedir a minha opinião dir-lhe-hei que parece não haver razão para negar ao nobre Paço os direitos do seu nascimento arabe; e creio que a D. Afonso não deve ele mais do que a sua segunda ou terceira reedificação, como se deprehende do mixto e regular da sua architetura. Tem na face do norte uma bela cimalha de tijolo.

Em frente d'este edificio, n'um plano inferior, estão duas elevadas torres ligadas com uma forte muralha, na qual está A Porta de Traição. Na mais alta, vulgarmente chamada Castelo do Raio, por n'ele ter cahido uma faisca eletrica damnificando-a bastante, estão as armas do Marquez, o que bem demonstra a reedificação por ele feita da Fortaleza. A' esquerda, um pouco abaixo, estão as ruinas da Capela de S. José, junto das casas de habitação que foram do medico José Xavier da Silveira Pinto, pai do muito conhecido Agostinho Albano da Silveira Pinto, auctor do Codigo Pharmaceutico e de outras obras de merito.

Viremos ao norte e subamos ao cume do monte — onde vamos entrar pela parte do Arco abatido que está voltado ao nascente e defendido por um revelim na contra escarpa. Abaixo d'esta vemos o sitio onde esteve a Capela da Graça, da qual hoje não existe memoria alem da rua deste nome. Entremos pois pela dita porta que dá ingresso para a praça d'armas conhecida pe-

lo nome de largo ou Terreiro de Santhiago, por ali ter existido a Matriz da Freguezia do mesmo nome.

Esta praça é uma vasta explanada de forma semi-eliptica, cingida por uma velha e arruinada muralha e povoada de pequenas oliveiras. Limitando-a pelo sul estão tres esguias torres n'uma exposição triangular, ligadas por alto muro formando assim um pequeno recinto dentro do qual ha uma espaçosa cisterna com agua, que muitos dizem brotar d'uma nascente.

Todas as seis torres da fortaleza se comunicam por galerias subterraneas, indo uma d'estas subir ao sopé do monte no sitio do Val Bom.

Na Torre ao sul, que dá entrada para o recinto, mandou o prior da freguezia de St.ª Maria (D. João) construir uma cosinha para a sua creada a beata Thereza se entregar, n'um completo recolhimento, ás suas orações e penitencia.

Voltemos á Praça d'Armas.

Que vastos horisontes e que magnificos panoramas descobrimos d'esta eminencia ! D'aqui avistamos as serras da Estrela e de Marvão, bem como o formoso Tejo e varios territorios das provincias mais proximas.

Do nascente ao N. O. vêsse a estrada distrital que vae da estação de Chão de Maçãs a Leiria, ora serpenteando na formosa e extensa ribeira, ora escondendo-se no verde glauco dos pinheiraes. Atravessa a moderna Vila Nova de Ourem que daqui se vê a N. E. toda garrida, alegremente sorrindo no meio dos seus formosos olivaes e beijada pelo seu pequeno rio.

De lá se vê, tambem proximo da ponte d'Aldeia da Cruz (Vila Nova de Ourem) uma levada sobre a qual passava a Ponte dos Conegos, assim chamada por estar perto do Moinho dos Conegos, que foi d'esta colegiada, assente no feracissimo praso d'Alberto Homem. A'quem no famoso sitio de regato d'esta freguezia alveja um cruzeiro de pedra, tendo na pinha, d'um lado, a data de 1835 e do outro a de 1857 ano em que foi reformada pela Camara Municipal. Diz a tradição que, passando n'aquele sitio o Condestavel D. Nuno depois da batalha de Aljubarrota afim de ir a Ceisa (onde ha uma nascente que vemos quasi no fim da ribeira) para cumprir o voto que ali fizera na sua ida para o combate, recebera a noticia da morte de seu irmão D. Pedro, pelo que em memoria mandára erigir aquele singelo monumento.

Olhemos agora na direção do norte para o lugar da corredoura, tambem atravessado pelo dito macadam, d'onde parte uma estrada rural para esta Vila.

Houve aqui uma capela pertencente ao morgado de Vilas Boas, a qual era destinada a Nossa Senhora do Monte do Calvario, como se deprehende d'esta inscripção que tinha sobre a porta.

—Calvarie Montis Titulo Domus esta Vocatur Sub Quo Thesaurum Monte Favores Habes—

Perto está a ponte de corredoura, mais uma reliquia architetonica d'Ourem, tendo sobre o corta-mar uma cruz de pedra em cujos braços se lê

—Crux In Ponte, Quid Est? Ambo Sunt, Credite Pontes; Ista Viam-Coeli, Fluminis Ille Parate.—

Na base, em uma tarja, está a seguinte inscripção:

Senator, Ac Prefectus Ludovicus Leite, Doctor Maximus, Familiarisque A Numero Sancti Offich Populo Fieri Jussit.

E sob esta ainda a seguinte:

Quando Decem Fuerant, Et Septem Soecula Salutis Trigiuta Annorum Tres Super Addessiunul, Septem Bis Novies Sois Numeraverat Ortus Hoc Reformatum Est Nobile Pontis Opus.

Como se acaba de ver foi esta ponte reformada por Luiz Leite Pereira Homem de Magalhães (da Quinta de S. Gens) então Vereador da Camara Municipal e Juiz de Ordenação.

No sopé do Monte está a Quinta dos Namorados (Hoje dos Castelinhos) pertencente ao incansavel agricultor Snr. Antonio de Souza, da Quinta da Motta. Existiu aqui a Fonte dos Namorados, celebre nas tradições d'este povo, que nos conta que, n'uma bela manhã, em tempos muito distantes, ali passaram um dia conversando dois namorados—ele com uma grade aos hombros, e ela com uma bilha d'agua á cabeça, sem nenhum d'eles se lembrar d'arriar esses pesados objectos, tal era a mistifica-

ção em que se achavam aquelas almas. Tinha esta fonte a seguinte inscripção.

—Esta obra mandou fazer Vidal Homem á custa do povo no ano de 1571—

Acima está o convento de Santo Antonio dos Capuchinhos, fundado em 1600 pelos irmãos da confraria de Santo Antonio. D. Theodosio, 7.º Duque de Bragança, auxiliou esta construção e foi seu padroeiro. Em primeiro de Dezembro de 1640 passou á Corôa este Padroado.

A portaria e o côro foram reconstruidos em 1749 por ordem de El-Rei D. João V e tem esta inscripção.

MIRABES, TAM DIVES OPUS DUM SUSPICIS, ET QUO PAUPETAS TAM DIUTURNA VIGET? NIHIL MIRUM, QUITI MAGESTAS CELSA JOANNIS DIVES, AUGUSTUM CONDIDITISTUD OPUS

E' n'este edificio que a misericordia e hospital se acham instalados desde Janeiro de 1835.

Unida ao mosteiro está a formosa egreja dos Terceiros, construida pela terceira ordem de penitencia.

Foi a 11 de Outubro de 1753 que Luiz Leite Pereira Homem de Magalhães lançou a pedra fundamental d'este edificio, assistindo á ceremonia Frei Thomaz de Coimbra, Mestre da dita Ordem.

Hoje está tudo em ruinas e foi vendido a um particular todo o edificio.

Tem um magnifico pulpito de marmore branco e na fachada esta inscripção:

TERTIUS HOC TEMPLUM FRANCISCO CONSECRAT ORDO; TERTIUS; AST PRIMUS FULGET AMORE PATRIS

Mais acima, já muito proximo da Vila, está a Fonte dos Cavalos, mandada construir pelo quinto Condestavel D. Pedro neto de D. João 1.º, segundo o distico que d'ela existiu:

—Esta obra mandou fazer, Fernão Roiz, ouvidor do Condestavel no ano de 1459. A qual fez por seu mandado—

Seguimos agora para o poente e ver-se-ha ao pé do monte a quinta da Parreira que foi do falecido Miguel de Canto e Castro e que hoje pertence ao Ex.mo Dr. Luiz da Silva Athaide, da Cidade de Leiria.

Adiante, na vasta planicie de Alveijares, estão as ruinas da Capela de S. Sebastião, incendiada pelos francezes em 1810.

Proximo ao sul está o sitio da Má-Carreira (Hoje Mangarreira) onde se encontra grande porção de lenhite, varios metaes e as singulares pedrinhas de S. Sebastião, assim chamadas por serem encontradas perto da dita Capela. Estas pedras são muito engraçadas na forma, pois quasi todas semelham pequeninas borrachas de pele de lixa com um bocal orlado de filetes. Interiormente são amareladas e de um aspecto vistoso quando se partem. Serão aerolithes?

A Vila de Ourem possue na historia uma pagina brilhante, embora os nossos escritores d'ela pouco se tenham ocupado. Distinguiu-se sempre nas grandes lutas com o seu povo fiel aos reis e á patria, do que são evidente prova alem de muitos outros factos historicos, a bravura dos horienses na batalha de Ourique; e seculos depois, o terrivel sacrificio que sofreram ainda por amor da patria, em Alcacer Quivir, a 4 de Agosto de 1578, acompanhando o Duque de Barcelos, filho do Duque de Bragança.

Foi tambem o berço de alguns vultos distintos na religião, na jurisprudencia e na medicina etc.; e fonte preciosissima onde muitos beberam pela taça de minerva, pois que tem no seio uma sinagoga de judeus com mestres em todos os ramos da sciencia a qual se supõe destruida pelos sucessores de D. Pelayo.

Ourem deu o seu nome a uma familia nobre de Portugal, cujo brazão d'armas é uma aguia negra membrada e bicada de purpura, em campo de prata. Elmo daço aberto e por timbre a aguia das armas.

Foi tambem o solar dos Lucenas, outra familia nobre d'estes reinos cujo tronco foi o sabio Douctor Vasco Fernandes de Lucena (da Cidade de Lucena-Hespanha) que veio para Portugal no reinado de D. João 1.º e casou em Lisboa com D. Violante Alvim.

Por aqui se vê pois, o que foi a antiquissima e nobre Vila de Ourem e o que é hoje, tendo perdido para sempre toda a sua autonomia.

DA AMERICA

Centenario da Independencia do Brazil

Um dos assumptos que interessa presentemente a atenção norte-americana, é a celebração do centesimo aniversario da independencia do Brazil, que se realisará brilhantemente no Rio de Janeiro, em o proximo mez de Setembro.

Para corresponder d'uma forma atrahente ao convite feito pelo Brazil á America do Norte, e como cansagração da perduravel amizade que liga os dois grandes Estados do Novo Mundo, formou-se em New-York um grande comité, a fim d'obter o necessario auxilio nacional para presentear o Brazil com um monumento commemorativo, oferecido exclusivamente pelo povo americano. O movimento foi iniciado pela colonia americana no Brazil e teve uma tão imediata aceitação, que recebeu logo o patrocinio da Camara Americana de Comercio com o Brazil, no Rio de Janeiro.

Na primeira reunião d'esse «comité», que foi concurridissima por grande numero de pessoas em destaque na finança, no comercio e na industria dos Estados Unidos, assumiu a presidencia o sr. John Merril, que pronunciou as seguintes palavras, acolhidas com o mais franco e enthusiastico aplauso:

«Em vista da grande e crescente im-
«portancia das nossas relações comerciaes,
«da nossa amizade tradicional e futura
«boa disposição mutua, parece sómente
«apropriado que, ao celebrar-se o cente-
«nario do Brazil, o povo dos Estados
«Unidos manifeste um adquado e proprio
«testemunho da sua apreciação pelos laços
«que unem os dois paizes, oferecendo á
«nação brazileira um penhor digno da
«nossa amizade.»

Tratando-se da escolha do artista para fazer a *maquette* do projectado monumento, foi convidado o sr. Charles Keck, de New-York, escultor do grande nomeada, ao qual foi indicada a idéa das linhas geraes d'essa obra d'arte.

Segundo esta idéa, o monumento consistirá d'uma figura colossal, em bronze, symbolica da Amizade, tendo na mão direita um rebento de loireiro e na esquerda as bandeiras do Brazil e Estados Unidos, entrelaçadas por loiros e palmas. A figura principal será colocada n'um alto pedestal de pedra, ornamentado com baixos-relevos; e sobre a base haverá quatro figuras erectas, as de George Washington e Abraham Lincoln, representando os Estados Unidos, e José Bonifacio e Rio Branco, representando o Brazil. Inferiormente a estas figuras sobresahirão tres baixos relêvos: um da Declaração da Independencia; outro de D. Pedro I, no Rio Ypiranga, declarando o Brazil indepente de Portugal; e o terceiro representará uma scena symbolica da perenne amizade do Brazil e America.

Na base terá simplesmente a inscripção da oferta.

O Senado Americano aprovou a despeza

de 1,000,000 de dollars para a construção d'um edificio na exposição do Rio de Janeiro, em comemoração do centenario. Conforme o programa oficial da exposição, os artigos exhibidos incluirão productos agricolas, industriaes e de pescarias, acessorios requeridos por estas industrias e trabalhos, transportes maritimos, fluviaes, terrestres e aereos, comunicações postaes e telegraphicas, e todos os outros ramos necessarios ao desenvolvimento do comercio, sciencias e artes.

A proposito da celebração do centenario, The World's Markets tenciona publicar uma secção brazileira em Junho proximo, que estará prompta para circulação em 1 do referido mez. Este numero contem uma revista completa do comercio e recursos do Brazil. Os artigos respectivos serão subscriptos por altos funcionarios do Governo Brazileiro, assim como pelas principaes figuras do comercio brazileiro-americano.

Como se vê pelo enthusiasmo que se manifesta por todas as nações, a celebração do centenario da independencia brazileira e a exposição internacional que será uma das grandes consagrações d'esse historico facto, representarão um sucesso mundial de verdadeiro apreço, pois que todas as nações, no desejo muito justo e legitimo de estreitarem as suas relações com a grande nação Sul-Americana, acorrerão á sua festa, como um gesto de cortezia, e no intuito tambem de justa e legitima expansão, corresponderão ao convite que lhes foi feito, levando á exposição internacional do Rio de Janeiro o melhor dos productos do seu comercio, da sua industria, das suas artes e oficios, a que, sem duvida, juntarão os maiores reclames de tudo quanto de bom lhes pareça ter nas suas proprias terras.

REVISTA DE TURISMO

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont.—semest.	**2$00**
Ano	**4$00**
Colonias—ano	**7$50**
Extrangeiro—ano	**10$00**

Numero avulso $40 (400 réis)

DR. GUERRA MAIO

Por noticias recebidas do Rio de Janeiro, sabemos ter defendido uma brilhante these na Escola de Medicina d'aquela cidade, o nosso compatriota Sr. Dr. Guerra Maio, irmão do Director do Bureau da Propaganda de Portugal em Paris Sr. Guerra Maio, e nosso muito querido amigo e valioso camarada.

A mesa examinatoria, era composta pelos professores Srs. Drs. Alberto Leite, Mario Magalhães e Garfield de Almeida, medicos ilustres da capital brasileira; tendo concedido uma justa distinção á these do novo doutor.

Endereçando ao nosso dedicado colaborador a expressão dos mais cordeaes parabens, apresentamos as nossas sinceras felicitações com os nossos respeitosos cumprimentos ao novel doutor.

«A FONTE DOS AMORES»

E' este o titulo d'um lindo romance que o importantissimo periodico parisiense *Le Journal* está publicando em folhetins, e da auctoria da ilustre escritora franceza Marcelle Reval. A acção é desenrolada no Bussaco e em Coimbra, entre os estudantes e as tricanas.

A auctora descreve com incomparavel brilho as scenas da vida coimbrã, e com um grande ardor de paixão a paisagem da nossa terra.

Marcelle Reval, que residiu algum tempo em Portugal, conhece a fundo a nossa vida e é uma admiradora de tudo quanto é portuguez.

O mais interessante a dizer, é que o romance tem sido acolhido em Paris com uma grande simpatia, pela forma brilhante como ele descreve a nossa vida e os nossos costumes; e como *Le Jonrnal* tem uma tiragem de um milhão de exemplares, calcule-se que consideravel importancia tem o novo romance para a propaganda de Portugal no extrangeiro.

Uma vez a *Fonte dos Amores* publicado no *Journal*, se-lo-ha tambem em livro, e desde já podemos anunciar que um grande jornal de Lisboa o vae dar tambem aos seus leitores em folhetim.

Consagramos aqui as nossas homenagens á brilhante escriptora pelo magnifico romance, que tão notavelmente retrata o nosso Paiz.

G. M.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoaria